

Educação patrimonial como ferramenta preservacionista: a experiência do UNASP/SP

Heritage education as a tool preservationist: the UNASP/SP experience

RESUMO

O presente artigo apresenta o projeto de educação patrimonial proposto para o Centro Universitário Adventista de São Paulo – campus São Paulo (UNASP-SP). O objetivo desse projeto foi contribuir para preservação deste bem, assim como incentivar o cotidiano preservacionista de um bem protegido legalmente, utilizando a educação patrimonial como ferramenta. Os materiais educativos produzidos visam viabilizar de maneira organizada e convidativa a visitação a este bem histórico da cidade de São Paulo. Como metodologia, realizou-se um inventário, pesquisa histórica, produção de mapas e croquis, até da diagramação do material. Os resultados desse projetam visam contribuir para a preservação do UNASP-SP por meio da educação patrimonial.

Palavras-chave: Educação Patrimonial; Preservação; UNASP-SP.

ABSTRACT

This paper presents the proposed heritage education project for the São Paulo Adventist University Center - São Paulo campus (UNASP-SP). The objective of this project was to contribute to the preservation of this heritage, as well as to encourage the preservationist daily life of a legally protected good, using heritage education as a tool. The educational materials produced aim to make it possible in an organized and inviting way to visit this historical asset of the city of São Paulo. As methodology, was made an inventory, historical research, production of maps and sketches, even the material diagramming. The results of this project aim to contribute to the preservation of UNASP-SP through heritage education.

Keywords: Heritage Education; Preservation; UNASP-SP.

1. INTRODUÇÃO

Como preservar algo que não é conhecido? Como abordar aspectos patrimoniais se não se valoriza a própria história e cultura? A reflexão sobre essas questões suscitou a premissa de que qualquer abordagem sobre a preservação de bens culturais materiais ou imateriais necessariamente envolve um processo de compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações. Mas como trabalhar essa compreensão?

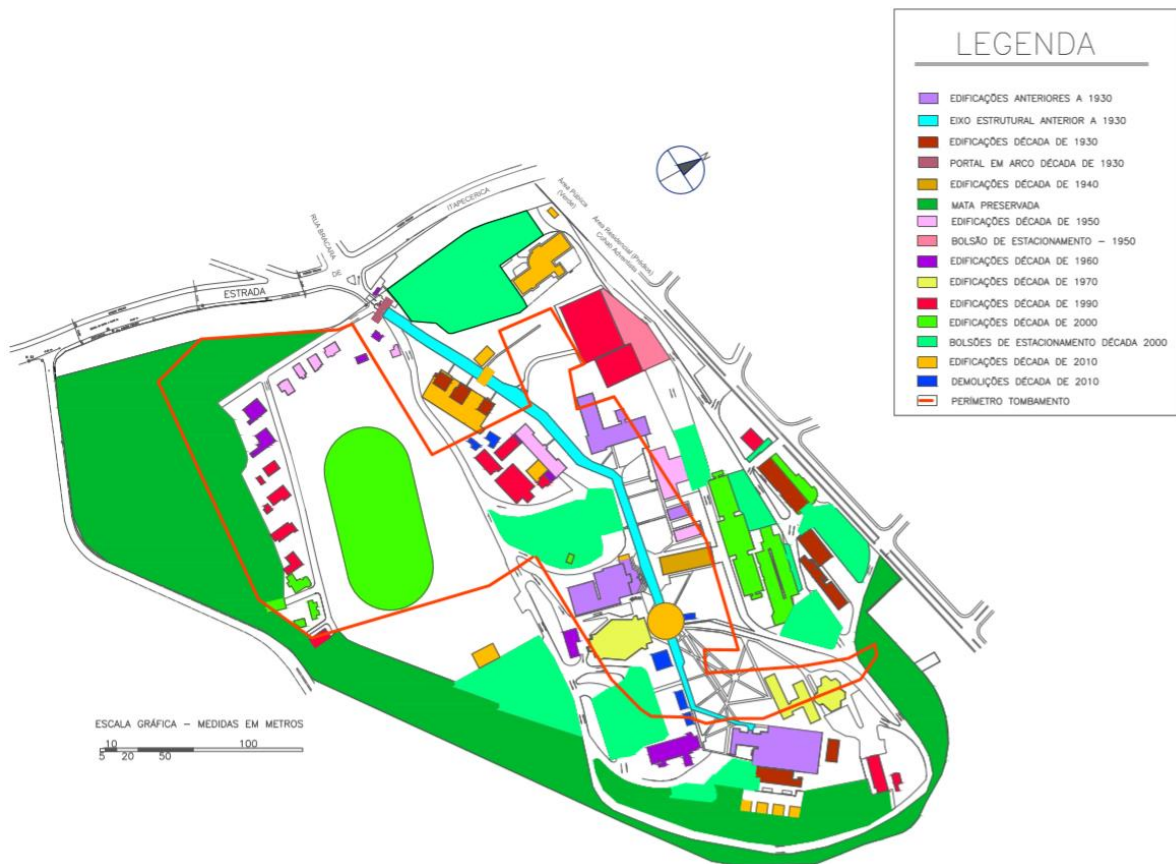
Primeiramente é relevante salientar que a preservação do patrimônio cultural não se realiza somente pelo Estado por meio de suas políticas públicas ou do instrumento do tombamento. Segundo Rabello (2009, p. 19), “preservação é um conceito genérico. Nele podemos compreender toda e qualquer ação que vise conservar a memória de fatos ou valores culturais de uma nação”. Pela Carta de Burra de 1980 (IPHAN, 1995, artigo primeiro), a preservação será “a manutenção da substância de um bem e a desaceleração do processo pelo qual ele se degrada”. A Carta também destaca que a preservação deve ocorrer quando a substância do bem, no estado que se encontra hoje, oferecer “testemunho de uma significação cultural específica” (artigo 11). Carlos Nelson Ferreira dos Santos, em um artigo publicado na década de 1980, já utilizava o trocadilho “preservar não é tombar, renovar não é por tudo abaixo”, para destacar que a preservação não é sinônimo de tombamento. Enfim, a preservação pode ser feita pelo Estado. No entanto, a ação da população é fundamental, sobretudo quando ela cuida do que lhe pertence, em um processo de participação ativa, de modo a permitir o conhecimento crítico.

Destaca-se a importância da educação patrimonial como instrumento de geração e produção de sapiência, experiência e envolvimento. A educação patrimonial pode permitir a apropriação e legitimação dos bens, assim como estimular o sentimento de pertencimento - fatores indispensáveis no processo de salvaguarda e na valorização da cultura - ambas compreendidas como múltipla e plural. Conforme Horta; Grunberg & Monteiro (1996, p. 4), a “educação patrimonial é um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido”. Compreende uma ação de enriquecimento individual e coletivo que utiliza os bens culturais como base. Esse processo somente se efetiva com a participação ativa dos usuários - na qual podem se incluir crianças, jovens e adultos - pois possibilita apropriação crítica e consciente dos bens, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, além da salvaguarda consciente.

Nesse contexto, surgiu o “Projeto de educação patrimonial do UNASP-SP” com o intuito incentivar o público a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de suas heranças culturais, pois partiu-se da hipótese que primeiro é preciso conhecer para posteriormente poder preservar. O UNASP-SP é um bem cultural material imóvel representativo, com alto valor histórico, arquitetônico e afetivo da cidade de São Paulo/SP. Possui mais de 104 anos de história e na época de desenvolvimento desse projeto educativo, estava em andamento no CONPRES (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) o estudo de tombamento do campus 1 do UNASP, salientando a relevância desse local. Apesar das inúmeras alterações sofridas no decorrer dos anos pelas necessidades de adequações de uso, permanece em funcionamento em sua implantação original e a conservação de suas edificações principais. Atualmente, esta Instituição apresenta trezentos mil metros quadrados de terreno, dos quais cinquenta e três mil são de área construída. De acordo com Hosokawa et al (2010), originalmente era uma fazenda de 58

alqueires. O referido autor e ACF (2016)¹ relatam que a maior parte da redução desta metragem foi fruto das desapropriações por parte da Prefeitura da Cidade para a construção de habitações de interesse social. Apesar das redução de área, o núcleo inicial onde se situam as edificações originais, foi preservado (conforme **Figura 1**). O reconhecimento de seu valor histórico e arquitetônico, por parte do município de São Paulo, veio com o tombamento desse sítio histórico - o campus 1 do UNASP².

Figura 1. Mapa análise cronológica construtiva de edificações e demolições anteriores a 1930 até às realizadas na primeira metade da década de 2010.



Fonte: LHOBRIKAT, 2017

A partir dos estudos de Lhobrigat (2017), verificou-se a necessidade de construção de materiais educativos com o intuito de promover a educação patrimonial para a promoção da patrimonialização e preservação do bem em questão. A pesquisa mostrou que o lugar recebia visitas de escolas, participava anualmente da Jornada do Patrimônio, porém sem material educativo estruturado. Esse fato evidenciou o grande potencial para consolidação de atividades educativas, tanto de seus visitantes quanto de seus colaboradores. Compartilhou-se a visão do IPHAN (2016) que enfatiza que “todo espaço que possibilite e estimule, positivamente, o desenvolvimento e as experiências do viver, do conviver, do pensar e do agir consequente” pode se tornar um espaço educativo. Para tanto, é necessária apropriação por parte da

¹ Em entrevista oral concedida aos presentes pesquisadores. Ao longo de todo o texto, optou-se por identificar aos entrevistados apenas pelas iniciais de seus nomes para proteger suas identidades.

² Conpresp, resolução 51 de 2018. Processo 2012-0.280.608-9.

população e transformação desse espaço num instrumento ativo e dinâmico da ação de seus participantes.

Dessa maneira, o projeto contemplou a produção do seguinte material educativo: 1. "*Roteiro histórico de visitação*", 2. Cartilha "*Valorização dos bens históricos pela acessibilidade*", 3. "*Folder educativo*". A execução desse material objetivou fomentar a reflexão e sensibilização dos usuários - visitantes e colaboradores-, de modo a contribuir para a conscientização, valorização e preservação dos bens culturais materiais e imateriais de modo sustentável. O roteiro foi um produto pensado para os participantes da visita guiada, no qual teriam um mapa com a localização dos imóveis e o percurso a ser executado. A cartilha foi pensada para orientar os colaboradores da manutenção tanto para a conservação do local, quanto para realização de projetos de acessibilidade que pudessem tornar o local com um desenho universal, sem sua descaracterização, do bem protegido. E o folder para ser distribuído nas visitações com resumo histórico-arquitetônico de cada bem.

Como metodologia, o trabalho foi estruturado em quatro etapas. 1) *Inventário arquitetônico*, com o objetivo de conhecer aspectos técnicos, históricos, arquitetônicos e evolutivo das edificações. Nessa etapa, realizou ainda pesquisa histórica e desenho do mapa de cronologia arquitetônica das edificações através do software Autocad. A coleta de dados foi realizada em fontes primárias do arquivo do UNASP-SP, entrevista com funcionários e pesquisa de campo. Baseada nas fichas do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), organizou-se a ficha de inventário arquitetônico para preenchimento com office/word. Em momento posterior, as fichas foram preenchidas e organizadas num "caderno de inventário". 2) *Produção do material educativo*: o inventário serviu como base para análise e discussões que nortearam a elaboração dos produtos. O conteúdo do inventário foi resumido para elaboração da ficha técnica. Os mapas foram desenhados no software Autocad. As fotos atuais foram coletadas na pesquisa de campo. Foram realizados croquis a mão livre para ilustrar as situações. Essa fase, contemplou ainda estudo de diagramação para produção do material.

2. UNASP-SP

Instituído em 1915 por imigrantes teuto-americanos que vieram ao Brasil a fim de trazer sua cultura e modo de vida incomum: sistema de ensino pautado em princípios e valores sólidos, em primeira instância para formar teólogos aptos para dirigir a comunidade adventista que de acordo com Centro White havia iniciado a se estabelecer no sul do Brasil (inicialmente na cidade de Brusque/SC) em 1879, com a distribuição de literatura religiosa e instituição de ensino³. A organização religiosa adventista tem representação mundial (em mais de duzentos países), e analogamente à Universidade de Harvard (fundada em 1636) norte-americana, guarda em sua história o início de suas atividades vinculadas à formação de teólogos e como vemos em Altman (2012): "[...] [Harvard] Embora jamais estivesse formalmente ligada a alguma igreja, foi no início orientada pelo clero congressionalista e unitariano.

³De acordo com Carnassale (2018), o galpão que armazenou tais literaturas permanece construído e mantém sua originalidade. Ele acrescenta que a primeira igreja adventista que se situa na cidade de Gaspar Alto (SC), de propriedade da mantenedora, ainda apresenta seu assoalho original. O primeiro internato adventista brasileiro data de 1897, era um edifício anexo da primeira igreja o qual foi transferido em 1903 para a cidade de Taquari (RS); neste local o edifício original ainda existe. Porém tanto o barracão da cidade de Brusque quanto o edifício da cidade de Taquari não pertencem mais à mantenedora, a qual está estudando propostas para recuperar tais marcos históricos de sua trajetória como implantação da igreja no Brasil e na América do Sul (visto ter sido o Brasil o quarto país sul americano a contar com a evangelização desta denominação, a qual iniciou-se com a presença de um adventista e hoje apresenta a maior população adventista do mundo).

Nos primórdios, a faculdade era orientada por muitos ministros puritanos. [...]”; tal visão fez com que imigrantes norte-americanos adventistas do sétimo dia adquirissem uma fazenda de cerca de oitenta alqueires constituída por mata nativa, represas, pastos e terras de plantio motivados a proporcionar uma vida saudável, em meio à natureza e ar puro, que de acordo com seus princípios é fator imprescindível para o desenvolvimento adequado de formação profissional e de caráter de um cidadão.

Tal propriedade sofreu inúmeras desapropriações por parte da Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo (PMSP), de acordo com Hosokawa et al (2010), em sua maioria para construção de habitações de interesse social. Atualmente conta com aproximadamente 12 alqueires (300 mil metros quadrados) de terreno, com 53 mil metros quadrados de área construída, como destacado na **Figura 2**. Originalmente nasceu em sistema de internato separado por gênero, característica esta que se mantém crescente até a atualidade. Um modelo de vida incomum para uma cidade como São Paulo e que tem atraído novos alunos, nacionais e internacionais, a cada ano para os seus diversos cursos⁴. Conserva seu caráter confessional inicial, e em sua história guarda um valor histórico-cultural intangível.

Figura 2. Destaque para área total atual do UNASP-SP, sua relação com o entorno da cidade, e identificação e localização dos principais edifícios que compõem tal Instituição.



Fonte: LHOBRIGAT, 2017

Dados de 2015, obtidos junto ao departamento de patrimônio da Instituição, apresentava um total de 5.052 alunos matriculados no campus São Paulo. E apesar de originalmente ter contado com lavoura e apenas um edifício que apresentava todo o programa arquitetônico necessário para o bom desenvolvimento de suas atividades, de acordo com Lhobrigat (2017a, p. 37): “[...] setor administrativo, quartos, refeitório, capela [...]”, hoje é um complexo com 53 mil metros quadrados de área construída. Não há mais lugar para a lavoura, mas as áreas verdes estão em muitas partes preservadas, conforme **Figura 3**.

⁴ Desde o berçário até o nível de pós-graduação em diversas áreas do saber científico, o curso de teologia foi transferido no decorrer dos anos 1990 para o campus II, na cidade de Engenheiro Coelho (interior de São Paulo).

Figura 3. Alameda Central – a nordeste do terreno; 2. Edifício Prof. Sigfried Kumpel em harmonia com a natureza; 3. Campo de Piquenique; 4. Alameda Central –a noroeste do terreno.



Fonte: LHOBRIAGAT, 2017

Com um cenário de baixa conservação do antigo e risco eminente de total descaracterização com consequente perdas de memória desta comunidade, compreendemos a motivação de um ex-aluno desta Instituição solicitar junto ao CONPRESP o tombamento da mesma. Visando proteger as edificações que ainda guardam ricos aspectos de sua originalidade e contam a história da evolução deste grupo social, das constantes transformações e renovações da sociedade contemporânea.

Em 2018 o UNASP-SP foi tombado pelo Conpresp como patrimônio cultural da cidade de São Paulo pelos seguintes fatores:

CONSIDERANDO o papel de referência urbana do Antigo Seminário Adventista, depois Colégio Adventista Brasileiro e atual UNASP, na formação e construção da paisagem do Bairro do Capão Redondo, como remanescente da primeira fase de ocupação da região de Santo Amaro, então outro município, de características predominantemente rurais;

CONSIDERANDO o significado histórico e cultural do Colégio Adventista Brasileiro, como a terceira escola de educação adventista no Brasil e primeira em São Paulo, constituída pelos primeiros missionários teuto-americanos dessa denominação religiosa no Brasil;

CONSIDERANDO a relevância memorial e afetiva que o Colégio Adventista Brasileiro representa para a comunidade adventista em São Paulo, sobretudo da primeira geração de alunos ali formados;

CONSIDERANDO que o Conjunto Arquitetônico composto pela antiga fazenda, seu projeto de implantação, por seus edifícios, e pela fábrica de alimentos Superbom, revela um modelo educacional baseado na educação, no trabalho, na saúde e na relação harmônica com a natureza, bastante inovador no início do Século XX;

CONSIDERANDO que o partido arquitetônico das primeiras construções do Colégio, guardam traços da arquitetura rural largamente praticada na região sul da cidade de São Paulo e hoje já em desaparecimento [...] (SÃO PAULO [cidade], 2018, p. 01)

Como destacou a resolução 51 de 2018, o UNASP-SP constitui um justo exemplar de patrimônio cultural, que além sua herança histórica, cultural e arquitetônica, é valorizada e perpetuada por sua comunidade local direta pelo sua relevância memorial. Tal valorização e ligação afetiva dos usuários deste espaço é ainda mais significativa, pelo fato de que muitos alunos têm a oportunidade de estudar custeando parte de seus estudos por serviços prestados à Instituição. Devido ao princípio de auto-sustentabilidade advindo da filosofia deste centro universitário, que oferece bolsas de auxílio financeiro em troca de trabalhos prestados pelos alunos que desejem/precisem deste auxílio para custear uma porcentagem ou integralmente seus estudos⁵, o que potencializa a ligação dos usuários com os bens edificados. Não encontramos registros no arquivo do UNASP-SP de arquitetos e/ou engenheiros responsáveis por projeto da maioria das edificações (com exceção do templo que data da década de 1970), o que conota que as construções foram realizadas baseadas na experiência de cada colaborador e/ou aluno.

A Declaração de Amsterdam de 1975 ressaltou: “[...] o patrimônio arquitetônico não sobreviverá a não ser que seja apreciado pelo público e especialmente pelas novas gerações. Os programas de educação em todos os níveis devem, portanto, se preocupar mais intensamente com essa matéria” (AMSTERDÃ, 1975, p. 2). Portanto, como apontado por Lhobrigat (2017a, p. 20 e 21):

Destaca-se ainda que, muito mais do que características de linguagem arquitetônica deve nortear a escolha por uma preservação do bem em questão. Deve-se levar muito em consideração o que e como determinado bem interferiu e ainda interfere no modo de vida de uma comunidade local, e o fato de como isso se transfere para a construção de uma sociedade que em base é, ou deveria ser, transformada por sua educação.

A partir desse princípio, pautou-se a elaboração dos materiais de educação patrimonial, apresentados a seguir.

3. MATERIAIS EDUCATIVOS PATRIMONIAIS DESENVOLVIDOS

Em etapa anterior da pesquisa, foi realizado um Fichário de Inventário⁶, no qual foram levantadas detalhadamente as informações técnicas patrimoniais do bem em questão. As quais serviram de base para o desenvolvimento dos materiais educativos patrimoniais que apresentaremos em sequência. São eles: Roteiro de visitação histórica, Cartilha "*Valorização dos bens históricos pela acessibilidade*" e um Folder Educativo.

O “Roteiro histórico de visitação – 102 anos de muita história!” é um guia de visitação que permite uma visita guiada estruturada. Constitui um resumo das fichas de inventário acima indicadas e tem por objetivo nortear as visitas assistidas que periodicamente ocorrem no campus. Seja em virtude de excursões acadêmicas promovidas junto a escolas de ensino médio, ou em parceria com a Prefeitura

⁵ Isso nos anos mais iniciais da Instituição, atualmente por questões legislativas do Estado só é permitido custear com o trabalho até uma porcentagem da mensalidade, para que não se demande muito tempo ao serviço em detrimento dos estudos.

⁶ Assunto discutido em artigo apresentado no II Simpósio Científico do ICOMOS Brasil (2018), e publicado nos Anais do mesmo. Para aprofundamento, ver: “O inventário como instrumento de preservação e regate da memória: o caso do centro universitário adventista de São Paulo”. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/simpósioicomosbr>>.

municipal no decorrer das Jornadas do Patrimônio⁷. Ele foi concebido em “formato leque” (**Figura 4, a**), para facilitar o manuseio no decorrer do passeio. Apresenta os bens que segundo o estudo apresentem algum valor relevante, seja histórico, arquitetônico ou afetivo. Sendo constituído por um mapa geral dos pontos que serão visitados (**Figura 4, b**), totalizado 11 pontos de visitação histórica. O 12º o refeitório (identificado no mapa como ‘E1’), que não é abrangido pela descrição histórica sendo apenas uma sugestão de finalização do passeio com um lanche.

Figura 4. (a) Foto do modelo de Roteiro desenvolvido em “formato leque”. (b) Foto do mapa proposto como guia de visitação.

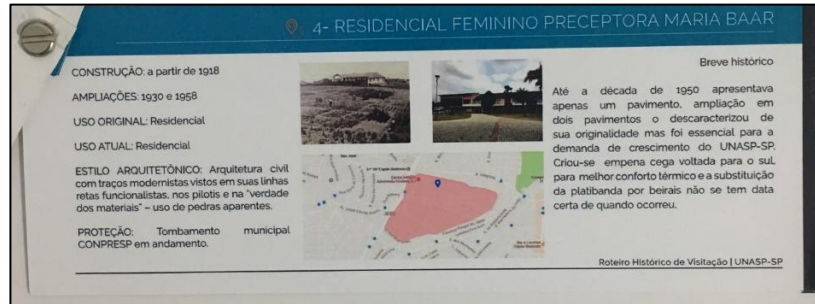


Fonte: LHOBRIGAT, 2017

Após o mapa, o Roteiro apresenta resumidamente as informações de cada bem a ser visitado. Constando os seguintes dados: ano da construção e de reformas, usos original e atual, estilo arquitetônico, proteção, e breve histórico (**Figura 5**).

⁷ A jornada do Patrimônio é um evento anual, organizado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, com o intuito de fomentar a preservação do patrimônio cultural pelo município. Ao longo da Jornada, edifícios tombados são abertos para visitação, roteiros de visitação são oferecidos, ocorrem palestras e debates acerca da preservação. Todas as ações - de cunho educativo - visam aproximar a população ao patrimônio, de modo a sensibilizá-la.

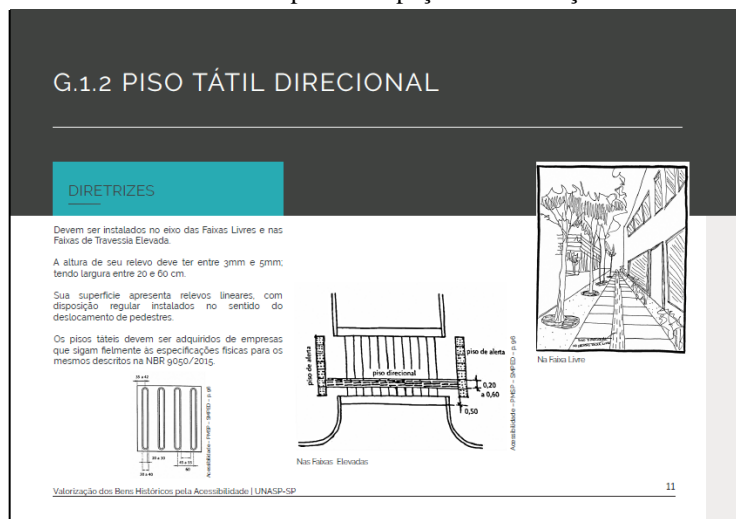
Figura 5. Exemplos da sequência de conteúdo do Roteiro histórico de visitação.



Fonte: LHOBRIGAT, 2017

O segundo material desenvolvido, foi uma cartilha/manual denominada: “Valorização dos bens históricos pela acessibilidade”. Partindo da necessidade de adequação dos passeios internos do *campus* para facilitar os deslocamentos de pedestres em todas as condições, incluindo com mobilidade reduzida e/ou cadeirantes. Após identificação dos pontos que necessitam de adequação, propusemos o manual para auxiliar à Diretoria da Instituição nas adequações necessárias, com a proposta de ser atemporal e específica às necessidades do UNASP-SP. Abordamos os seguintes aspectos: tipologias de calçadas e novos padrões a serem seguidos; tratamentos de: esquinas, faixas de travessia, pisos direcionais e rebaixamentos de calçada; mobiliários urbanos a serem instalados; diretriz de vegetação a ser plantada; revestimentos para as calçadas. Visando alcançar os seguintes objetivos: valorizar a escala do pedestre, aumentar a visibilidade dos bens históricos, proporcionar deslocamentos saudáveis, criar locais de breves encontros e pequena permanência, promover segurança e acessibilidade para os usuários. O *layout* da cartilha seguiu o padrão apresentado na **Figura 6**.

Figura 6. *Layout* da cartilha desenvolvida para os espaços de circulação entre edifícios do UNASP-SP.

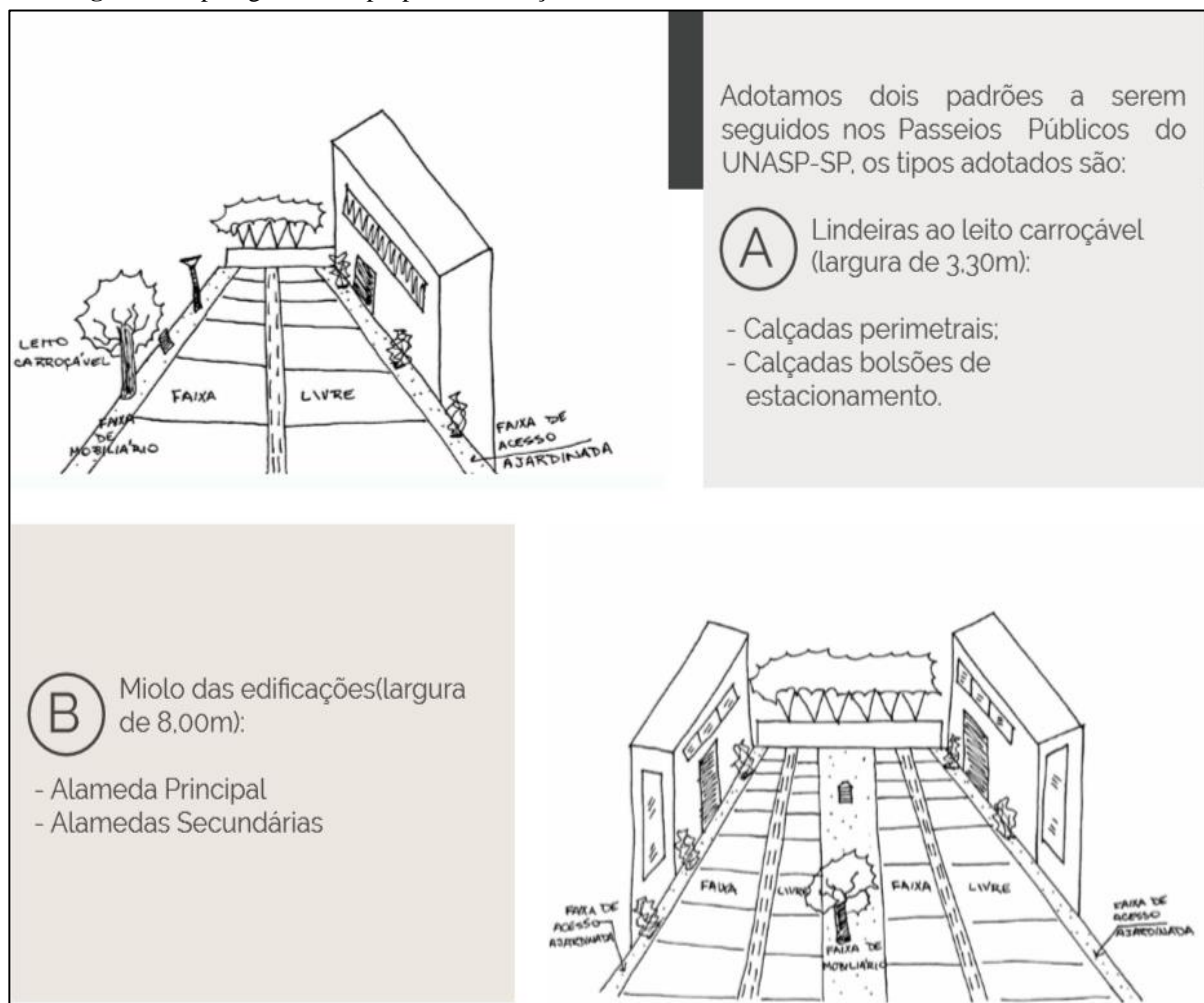


Fonte: LHOBRIGAT, 2017

As calçadas foram classificadas em dois tipos (A e B), devido a encontrarmos calçadas lindeiras ao leito carroçável, para as quais adotamos largura de 3,30m. Bem como calçadas no miolo das edificações (popularmente conhecidos como ‘calçadões’), para as quais adotamos largura mínima de

8,00m⁸. Seguindo as diretrizes das normas ABNT NBR 9050/2015⁹ e NBR 16537¹⁰. As calçadas foram divididas em três faixas (**Figura 7**): faixa de mobiliário, destinada à plantação de árvores, rampas de acesso, poste de iluminação, sinalizações, e mobiliário urbano; faixa livre, voltada unicamente para o deslocamento do transeunte; e faixa de acesso, a qual é destinada ao apoio à entrada na edificação, em caso de necessidade de rampa de acesso é nesta faixa que deve se localizar, neste projeto devendo ser ajardinada com arbustos que não prejudiquem a visão ou elementos que possam atrapalhar o caminho do pedestre. Devem ser revestidas em placas pré-fabricadas de concreto, para evitar trepidação no deslocamento.

Figura 7. Tipologias A e B propostas às calçadas internas do UNASP-SP.



Fonte: LHOBRIAT, 2017

⁸ Visto que o eixo principal de circulação foi implantado em 1915, e vem sendo sedimentado no decorrer dos anos já respeitando esta largura mínima, mas em várias trechos acaba sendo mais largo. Propiciando assim espaços propícios à instalação de pequenas praças ou simples pontos de encontro pelos mobiliários urbanos desenvolvidos em projeto e apresentados em sequência.

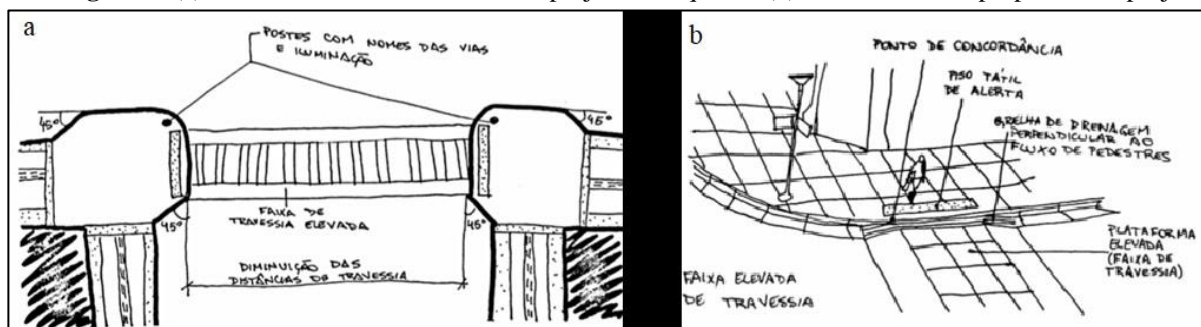
⁹ Norma brasileira de acessibilidade, tendo sua versão a partir de 2004 chancelada pelo governo federal como Lei pelo decreto 5296/04.

¹⁰ Norma brasileira que estabelece os padrões de piso tátil direcional e de alerta, publicada em 2016.

Para melhor atender às demandas do roteiro histórico de visitação acima descrito, que ocorre nas calçadas do tipo B, adotou-se como partido de projeto identificação visual no piso. De maneira a permitir visitas autônomas com o auxílio dos materiais educativos. Para tal, “[...] ao lado do piso direcional, a calçada receberá uma faixa azul pintada no chão com largura de 15 cm e com instalação de leds azuis ao longo do trajeto.” (LHOBRIGAT, 2017b, p. 08).

Os pontos de travessia foram projetados de forma a ser o mais seguro e confortável possíveis. Por isso as esquinas foram alargadas em 1,00m de cada lado, com chanfro a 45° para comportar maior aglomeração de pessoas e tendo apenas poste de iluminação e identificação das ruas (**Figura 8, a**). Para as travessias, projetou-se faixas elevadas promovendo a concordância entre os níveis das calçadas em ambos os lados da via (**Figura 8, b**).

Figura 8. (a) Modelo de tratamento dado em projeto às esquinas. (b) Faixas elevadas propostas em projeto.



Fonte: LHOBRIGAT, 2017

Os mobiliários urbanos foram projetados visando estabelecer rápida e fácil identificação de ser nova intervenção em bem histórico cultural, pela adoção de materiais neutros e de linguagem arquitetônica linear, evitando o “falso-histórico”¹¹. Postes e lixeiras¹² foram encontrados prontos no mercado, sendo projetados os bancos e assentos fixo, abrigos em pontos de embarque e desembarque¹³, e bebedouros (**Figura 9**). Por fim, traçou-se diretrizes também para a vegetação a ser adotada nos seguintes termos:

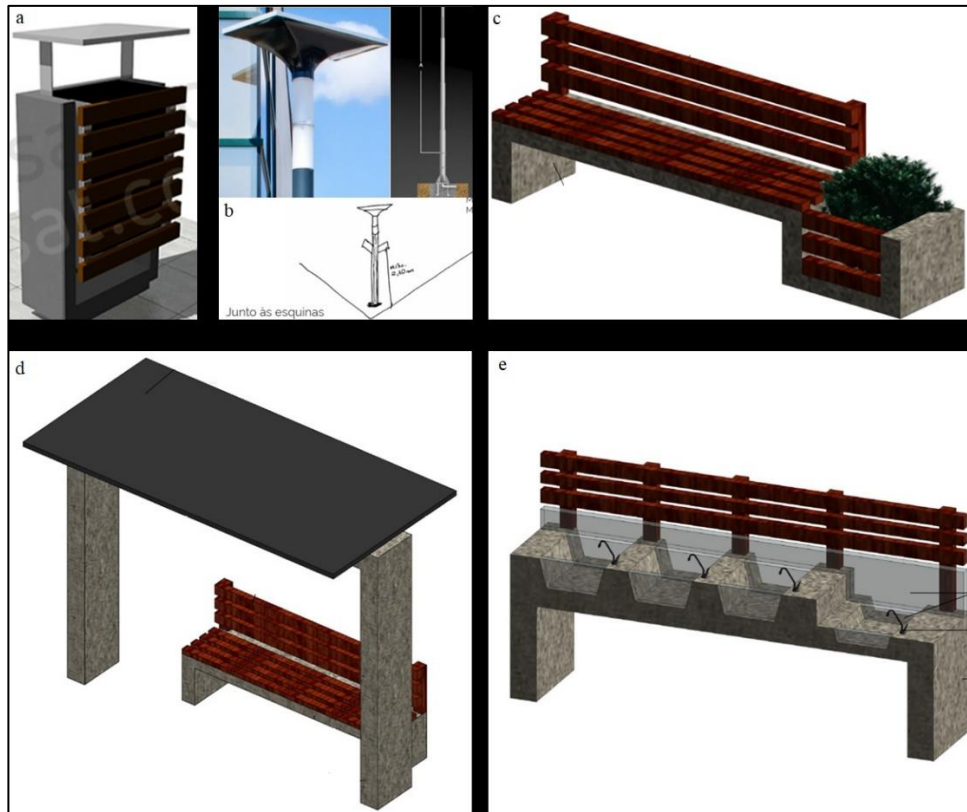
Junto aos bancos e assentos fixos plantar uma árvore de cada lado do banco, respeitando a distância necessária para que o local reservado à pessoa com deficiência seja respeitado. A poda das árvores deve ser periódica, para que seja garantida a passagem livre sob elas de 2,10m com relação ao nível da calçada. Nas faixas de acesso ajardinadas plantar grama e arbustos; com poda periódica para que o arbusto não exceda à largura da faixa de acesso bem como à altura de 90 cm. (LHOBRIGAT, 2017b, p. 21).

¹¹ Prática que deve ser evitada junto a bens históricos. Para que os visitantes possam distinguir os elementos originais das intervenções contemporâneas.

¹² Das quais nos valem de partido de projeto para a escolha dos materiais de acabamento e linguagem estilística para os mobiliários projetados.

¹³ Devido às grandes distâncias a serem percorridas entre os edifícios, uma das diretrizes do plano estratégico por nós elaborado também no decorrer da referida pesquisa de TFG, foi a adoção de transporte interno motorizado (sugestão de carrinhos de golfe adaptados para o transporte de pessoas em cadeira de roda). Por isso foram criados abrigos para os pontos de embarque e desembarque destes veículos.

Figura 9. (a) Modelo de lixeira disponível em mercado adotada, marca Verssat, modelo Esmeralda. (b) Modelo de poste e luminárias, marca Luminarte, modelo poste telecônico reto, luminária marca Sinalarte, modelo TO 24 PS. (c) Bancos e assentos fixos com floreira acoplada projetados em base de concreto e madeira. (d) Abrigos em pontos de embarque e desembarque projetados em concreto e madeira, com cobertura em sistema captação de energia solar. (e) Bebedouros, projetados em concreto, madeira e vidro.



Fonte: LHOBRIAGAT, 2017

Vale ressaltar que as proposições desse manual consideram o campus do UNASP-SP como um sítio histórico, que deveria preservar seu traçado, a implantação dos edifícios e as características do conjunto arquitetônico. Para não descaracterizar o todo, mas ao mesmo tempo não congelar o espaço, verificou-se a importância de estabelecer diretrizes que pudessem adaptar esse espaço tanto para os visitantes do roteiro quanto para os usuários - alunos ou funcionários - da instituição. Desse modo, essa ação educativa contemplaria também os funcionários da manutenção que zelam por esse espaço.

O terceiro material desenvolvido foi o protótipo de Folder, no qual se propõe constar as seguintes informações individualizadas de cada bem histórico preservado: identificação do bem, breve histórico, desenhos técnicos (plantas e cortes), e fotos gerais do bem e de detalhes da preservação (**Figura 10**).

Figura 10. (a) Capa do Folder. (b) Parte interna do Folder. (c) Verso do Folder.



Fonte: LHOBRIAGAT, 2017

A intenção do projeto, era desenvolver um folder para cada prédio que constasse no roteiro de visitação. Esse folder ficaria disponível em cada edificação a ser visitada. O protótipo tico foi pensado para o Edifício Prof. Domingos Peixoto da Silva. O folder seria dobrado ao meio, gerando quatro campos de informações, com impressão colorida na frente e verso. A estrutura e diagramação do folder seria a mesma para todas as edificações, mudando somente conteúdo.

4. CONCLUSÃO

O patrimônio possui a função de rememorar acontecimentos significativos. De acordo com Pierre Nora (1993, p. 9), “a memória é a vida sempre alcançada pelos grupos vivos [...], ela está em evolução permanente”, ou seja, a memória é uma evocação do passado.

Nora (1993, p. 9) ainda ressalta que para enraizar nossas memórias precisamos de artefatos físicos e/ou datas comemorativas criadas, visto que nossa tendência natural é a de esquecer-nos com grande rapidez dos importantes feitos do passado visto que focamos em demasia no futuro. Originamos assim o que ele denominou de “lugares de memórias”:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização (sic.) de nosso mundo que faz aparecer a noção. [...] são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. [...] sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. [...] Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. (NORA, 1993, p. 12 e 13).

A partir do entendimento do conceito de preservação como análise crítica do passado, efetuada no presente visando as consequências e reflexões no futuro, a construção da memória cultural é fruto da herança deixada a nós por nossos antepassados. Tal enunciação deve ser a base para seleção pública de

bens a serem tombados¹⁴ e/ou para ações privadas de conservação de bens arquitetônicos que contem a história de uma comunidade. Para que não sejamos “engolidos” pela tendência da modernidade de constante renovação e preferência pelo novo que pelo antigo.

Por isso, a importância desse projeto de educação patrimonial que visa contribuir para a preservação do UNASP-SP, claramente reconhecido e legitimado pela materialidade de edifícios ali presentes desde sua fundação em 1915¹⁵, pelo seu valor cultural, pela imaterialidade da história, impressa na sua implantação, a qual guarda características marcantes de sua história. O Unasp conforma um oásis na paisagem degradada desta periferia paulistana. Permitindo-nos vivenciar na prática o conceito de ambiência bem descrito por Lynch (2000, p. 13):

Um cenário físico vivo e integrado, capaz de gerar uma imagem nítida. Desempenha em si mesmo uma função social. Pode proporcionar a matéria prima para os símbolos e recordações coletivos de comunicação do grupo. Uma paisagem chamativa é o esqueleto que muitos povos primitivos aproveitam para erigir seus mitos de importância social. As recordações em comum da “pátria mãe” tem sido frequentemente os primeiros pontos de contato entre os soldados durante uma guerra. Uma imagem ambiental eficaz confere a seu possuidor uma forte sensação de segurança afetiva. Pode este estabelecer uma relação harmoniosa entre o expectador e o mundo exterior. Isto constitui o extremo oposto do medo provocado pela desorientação; significa que a doce sensação do lugar é mais forte quando o lugar não somente é familiar como também característico. (tradução nossa).

Ressaltamos ainda que tais bens devam ser dotados de aspectos representativos que os identifique e difira dos demais lugares da cidade. Para que isso ocorra, conforme Oliveira, Ferreira e Gallo (2017, p. 215), tais espaços “[...] devem possuir uma ‘vontade de memória’ e demonstrar na sua origem um propósito memorialista que garanta sua identidade. O que os constitui é um jogo entre a memória e a história¹⁶, uma interação dos dois fatores que leva a uma sobredeterminação recíproca.”

O UNASP-SP foi a terceira escola adventista do Brasil¹⁷. E continua sendo grande referência da rede para os alunos. Por contar com sistema de Ensino Superior, muitos destes são levados em excursão escolar para orientá-los na escolha profissional. Além disso, já participou por duas vezes em Atividade Cultural Patrimonial Educativa promovida pela prefeitura da Cidade de São Paulo: “Jornada do Patrimônio 2016 – as origens da cidade”¹⁸ e “Jornada do Patrimônio 2018 – uma cidade, muitas mãos”¹⁹. Neste contexto, por vivenciar na prática durante a atividade de 2016 dificuldades, no deslocamento do passeio educativo, relativas à acessibilidade arquitetônica bem como verificar a necessidade de um guia educativo diretivo para ressaltar o Patrimônio Cultural ali em questão, desenvolveu-se o material de

¹⁴ Instrumento pertencente ao Estado como determinação legislativa que identifica bens culturais com relevância emblemática para a história e a memória de uma localidade. Através do qual “[...] se impede, por meio de restrições administrativas ao direito de propriedade, a sua destruição e assegura a tutela do patrimônio cultural. [...]” (OLIVEIRA, FERREIRA e GALLO, 2017, p. 227).

¹⁵ Os quais em sua maioria não apresentam valor por seu estilo arquitetônico característico.

¹⁶ Conceitos não sinônimos, sendo concomitantemente descrição do que já ocorreu e não passível de repetições idênticas e sob mesmas circunstâncias. Ou seja, memória é o que foi vivenciado, e a história é a lembrança intelectual de tal vivência.

¹⁷ Hoje a rede de escolas adventistas, de acordo com o portal Educação Adventista, soma o total de 474 unidades.

¹⁸ Conferir programação completa no fotolivro disponível em: <http://jornadapatrimonio.prefeitura.sp.gov.br/abertura_2019/index.php/fotolivro-da-jornada-do-patrimonio-2016/> acesso em 11.jul.2019. Informações completas relativas ao presente imóvel analisado ver p. 41 deste material.

¹⁹ Conferir programação completa no fotolivro disponível em: <http://jornadapatrimonio.prefeitura.sp.gov.br/abertura_2019/index.php/fotolivro-da-jornada-do-patrimonio-2018/> acesso em 11.jul.2019. Informações relativas ao imóvel aqui analisado constam à p. 63 deste material.

Educação Patrimonial descrito acima. Destacamos a importância da elaboração de materiais educativos para para viabilizar a prática cotidiana de preservação do bem cultural em questão. Bem como salientamos os desdobramentos da utilização do roteiro desenvolvido em pesquisa já na Jornada do Patrimônio de 2018, a qual se demonstrou mais estruturada que a primeira ali ocorrida.

O desdobramento mais relevante dessa pesquisa, sobretudo do inventário, foi sua utilização como base para o tombamento do complexo. Toda a pesquisa realizada para embasar esse projeto, serviu ainda de fonte para os pesquisadores do CONPRESP tombarem o complexo em 2018. Geração de conhecimento, contribuição para novas pesquisas, incentivo a educação patrimonial, organização de material educativo - todos esses objetivos atingidos por essa pesquisa, alinhados ao objetivo principal - contribuir para a preservação do UNASP-SP.

REFERÊNCIAS

ACF. **Entrevistas orais** – concedidas em 11.abr.2016 e 20.set.2016.

ALTMAN, Max. **Hoje na História:** 1636 - É fundada a Universidade de Harvard nos EUA. São Paulo, 08.out.2012. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/25121/hoje+na+historia+1636+%96+e+fundada+a+universidade+de+harvard+nos+eua.shtml>> Acesso: em 04.ago.2019.

AMSTERDÃ. **Declaração de Amsterdã:** Congresso do patrimônio arquitetônico europeu – conselho da Europa. 1975. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaraao%20de%20Amsterda%CC%83%201975.pdf>> Acesso em: 19.mar.2018.

CARNASSALE, Hélio. História da igreja no Brasil. **Palestra em IASD Moema.** 07.abr.2018.

EDUCAÇÃO ADVENTISTA. **Quem somos.** Disponível em: <<https://www.educacaoadventista.org.br/quem-somos/>>, acesso em: 11.jul.2019.

IPHAN. **Educação Patrimonial:** Inventários Participativos. Manual de Aplicação. Brasília: IPHAN, 2016.

_____ **Educação patrimonial:** histórico, conceitos e processos. Brasília: IPHAN, 2014.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial.** Museu Imperial / Deprom - Iphan – Minc, 1996. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf>. Acesso em 18.jul. 2019.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Ética e responsabilidade social na preservação do patrimônio cultural. **Ideias em Destaque**, v. 36. 2011. p. 86-100.

LHOBRIKAT, Amanda Regina Celli. **Centro Universitário Adventista de São Paulo:** Resgate e valorização do seu Patrimônio Cultural. 2017a. Monografia (Trabalho Final de Graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

LYNCH, Kevin. **La imagen de la ciudad.** 4ª ed. Barcelona: GG Reprints, 2000.

HOSOKAYA, Elder. *et. al.* Documentos históricos, documentos de cultura. **Revista Click UNASP** – Edição comemorativa 95 anos. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira. 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, n. 10, São Paulo: PUC-SP, dez. 1993. p. 07-28. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>> Acesso em: 28.mar.2018.

OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva; FERREIRA, Cláudio Lima; GALLO, Haroldo. Memórias (in)visíveis: reflexões sobre o centro de Campinas-SP. **Revista Ara**, n. 3, Primavera+Verão, 2017. p. 209-230. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revistaara/article/view/139432/134768>> Acesso em: 28.mar.2018.

SÃO PAULO (cidade). Prefeitura do Município de São Paulo Secretaria Municipal de Cultura CONPRESP – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. **Resolução nº 51/CONPRESP/2018**. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/re5118tombamentounasppdf_1543414463.pdf> acesso em: 11.jul.2019.

_____. **Fotolivro jornada do patrimônio 2018** – uma cidade, muitas mãos. Disponível em: <http://jornadopatrimonio.prefeitura.sp.gov.br/abertura_2019/index.php/fotolivro-da-jornada-do-patrimonio-2018/> acesso em: 11.jul.2019.

_____. **Fotolivro da jornada do patrimônio 2016** – as origens da cidade. Disponível em: <http://jornadopatrimonio.prefeitura.sp.gov.br/abertura_2019/index.php/fotolivro-da-jornada-do-patrimonio-2016/> acesso em: 11.jul.2019.